

editorial

Os actos mais ^{19/11}₈₅ do que as palavras

Uma vez mais o Presidente de Estado da República da África do Sul declarou formalmente a intenção de cumprir e fazer cumprir o Acordo de Nkomati.

A reiteração desta vontade é positiva. A afirmação da disposição de reprimir pessoas ou forças que planeiam ou executam acções de violência contra a RPM é também um facto positivo. Mas não é novidade. O Acordo de Nkomati é já um compromisso do Governo sul-africano. É o primeiro e fundamental declaração de honra. Não haveria, em princípio, necessidade de mais declarações de intenção. Moçambique não necessitou de fazer uso desse tipo de declarações. Os factos bastaram-lhe. Mas a evidência dos factos obrigou os governantes da RAS a pronunciarem-se mais vezes. Primeiro, na tentativa de desmentir acusações provenientes de dentro da própria África do Sul. Órgãos de Imprensa sul-africanos haviam posto em dúvida a aplicação fiel do Acordo pela parte sul-africana. Jornalistas sul-africanos que estiveram no interior de Moçambique recolheram factos, depoimentos, observações directas.

Enquanto, de um lado se acumulavam certezas, do outro se adensavam suspeitas. Enquanto a comunidade internacional congratulava a República Popular de Moçambique pela aplicação rigorosa das decisões de Nkomati, alocuções várias e de diferentes quadrantes colocavam em causa o cumprimento das obrigações sul-africanas.

Surge, agora, uma nova declaração de intenções. Não se duvida da seriedade do discurso sul-africano. Todas as declarações de compromisso são, como se disse, positivas. Mas são os factos e não as palavras que contam.

Alguns passos foram, na verdade, encetados. A viagem que o Ministro dos Negócios Estrangeiros sul-africano, Roelof Botha, fez a alguns países, que servem de plataforma de apoio aos bandidos armados, é um passo positivo. Mas faltam muitos outros e decisivos para conter a violência no nosso País.

São acções e não intenções que construirão o tão desejado clima de tranquilidade, clima que servirá de igual modo os dois países, os dois povos.

Porque duas hipóteses se tornam possíveis: ou o Governo sul-africano não quer cumprir Nkomati ou não se revela capaz de o fazer cumprir integralmente. Aceitemos ainda como legítima e verdadeira a vontade expressa dos sul-africanos. É ainda crível que sucedam dificuldades de controlo de forças e sectores que, desde o início, forjaram a agressão contra a RPM. É ainda possível acreditar nesta segunda alternativa. O que quer dizer: é ainda possível esperar que o Acordo de Nkomati dê frutos e compense a esperança enorme que moçambicanos e sul-africanos nele depositaram. Mas não é possível esperar muito mais. Porque esperar é dar tempo aos que vão roubando as nossas vidas, aos que vão manchando de horror e de sangue a nossa breve história.

Existem, é certo, lugares próprios para que se clarifiquem e se esclareçam todas as questões agora postas em dúvida. Tudo isso é assunto dos dois governos, a ser tratado com serenidade e maturidade. Mas os homens que amam a paz, que querem viver em tranquilidade e segurança, pretendem ver as promessas tornarem-se realidade, pretendem reconhecer em actos e não apenas em palavras a prova sul-africana do cumprimento dos compromissos firmados perante a História; em 16 de Março do ano passado.